



ROSA LUXEMBURGO

Rosa Luxemburgo em 1968

Rosa Rosa S.R. Gomes
Historiadora - USP

Lincoln Secco
Professor de História Contemporânea na USP

*“Que eu me organizando posso desorganizar
Que eu desorganizando posso me organizar.”*
Chico Science e Nação Zumbi

Rosa Luxemburgo é uma figura difícil de classificar. Renegada e reivindicada tantas vezes por tantos lados, retornar a seus textos, relê-la parece algo necessário, nesta crise econômica e social em que vivemos, mas principalmente no meio de tantas incertezas sobre como agir, o que fazer, como se organizar.

Judia e polonesa, ela começou sua atividade política em seu país de origem, mas se tornando um nome importante para a ação política de esquerda na sua atuação como membro do Partido Social Democrata Alemão (SPD). Apesar de situada à esquerda na II Internacional, manteve grandes diferenças com o leninismo. E mesmo tendo sido acolhida pela memória do antigo Partido Comunista Alemão (KPD) e a República Democrática Alemã (DDR) isto só se tornou possível devido à censura sobre parte de suas ideias, ainda que sua obra tivesse sido editada pela Dietz Verlag em Berlim Oriental. Desse modo, o espírito de sua obra se manteve muito mais vivo nos círculos dos comunistas dos conselhos (Linksradikalismus).

Portanto, não é estranho que em 1968, diante de uma nova vaga revolucionária internacional, Rosa Luxemburgo fosse revista à luz dos acontecimentos de Maio. Entenda-se por *maio* tanto as barricadas parisienses quanto o Outono Quente italiano de 1969, a insurreição dos estudantes no México, a Revolução Cultural Chinesa, a luta armada no Brasil, a Primavera de Praga ou a resistência vietnamita .

Neste contexto tanto seu biógrafo John P. Nettle quanto Daniel Guérin, o intérprete da Revolução Francesa que causou certa indignação em Lucien Febvre, recuperaram Rosa em 1968.

A versão resumida da obra de John P. Nettle, publicada em 1969, contém um prefácio datado de 1968, onde ele traça um perfil dos revolucionários daquele momento e a relação deles com a concepção de Rosa Luxemburgo sobre a revolução socialista.

Nettle faz um quadro geral daquele momento: a revolução tinha sido feita em muitos países, todos eles do então chamado Terceiro Mundo. O ocidente industrializado mostrava-se atrasado nesse sentido, estagnando nas reformas sociais e uma massa de jovens e intelectuais saía às ruas negando a ordem sem ter uma definição certa de como isso seria feito.

Rosa Luxemburgo reaparece nesse contexto, em meio a uma miscelânea de pensadores reivindicados por esse movimento, entre eles Mao, Lenin e Marcuse. As visões opostas, completamente divergentes desses pensadores não foi um limite para que eles pudessem ser colocados todos juntos. A ênfase em 1968 não era seguir à risca determinada linha teórica, mas usar de tudo aquilo que se tinha para construir um mundo novo.

Para essa massa revolucionária, segundo Nettle, Rosa era mais atual do que outros, não no sentido da aplicação pura e simples das suas ideias, mas porque nela é possível encontrar a ênfase na ação em detrimento da forma organizativa fixa e cristalizada. E 1968 não era um movimento organizado, de um partido ou grupo, mas sim pessoas reunidas buscando agir e nesse movimento abarcar o novo. “Ela foi a profeta *par excellence* da revolução não-institucionalizada” e 1968 foi exatamente isso: um movimento revolucionário que quis quebrar a ortodoxia, deixar de ter as questões de organização como foco e ser ativo, espontâneo, para além da institucionalidade.

Daniel Guérin publicou o livro *Rosa Luxemburg et La Spontanéité Révolutionnaire* pela Flammarion em 1971. Já no prefácio o autor declara que a “espontaneidade está na ordem do dia” por causa

do furacão de maio. O que lhe interessa em Rosa não é a teórica da acumulação capitalista, mas a pensadora da espontaneidade.

Como bom francês, Guèrin começa pelo vocabulário. Melhor dizendo, pelo *Littré*, o dicionário dos dicionários. E para demonstrar a originalidade de Rosa, ele encontra em Marx e Engels outros termos para a autonomia operária como o adjetivo *selbständig* e o substantivo *Selbsttätigkeit* (autoatividade). Será Rosa Luxemburgo que difundirá no vocabulário socialista alemão o termo *Spontaneität* (espontaneidade), posto que nem Marx e nem Engels o utilizavam. É muito menos o SPD, tão preso à legalidade, ao centralismo e à moderação típica dos heróis de escritório e dos burocratas sindicais e parlamentares.

Guèrin, em seu livro acerca das lutas de classe na Revolução de 1789, reeditado em forma resumida depois de 1968, já buscava nos *Enragés*, em Jacques Roux e em toda a *sansculoterie* que atuava “abaixo” dos chefes jacobinos e dos hebertistas, a dinâmica de uma revolução popular autônoma.

Ao se voltar para Rosa, ele não deixa de mostrar suas insuficiências, sua recusa inicial do anarquismo e localiza as contribuições e aporias de seu pensamento. Basicamente, o que o preocupa é o partido. Como conciliar partido e espontaneidade das massas?

Marx já notara no *Manifesto Comunista* que o proletariado não só não se confundia com os comunistas, como tinha uma lógica independente. Aliás, o próprio partido era tão somente a parte mais consciente da classe em luta.

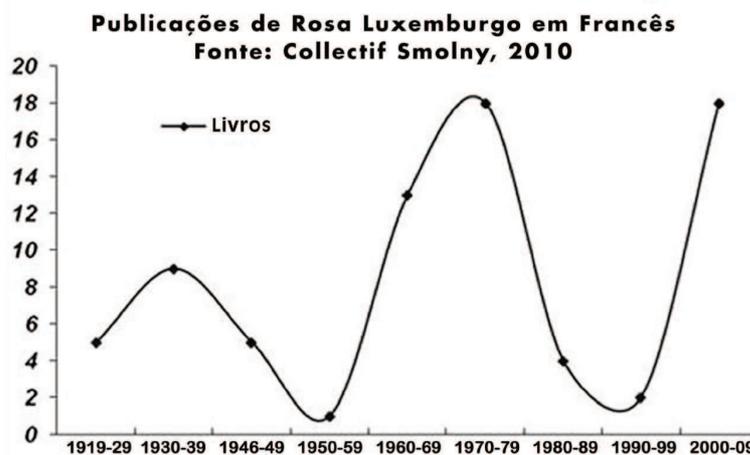
Rosa não recusa a organização, mas o partido fossilizado e hierarquizado. Não rejeita a Revolução Russa, mas sim o leninismo como sistema autoritário. Não desdenha uma vanguarda de operários avançados, mas quer que os chefes sejam absorvidos pela massa.

Para Guèrin, Rosa está muito bem ao lado do comunismo libertário. Não é assim que os comunistas que aprisionaram Rosa na tradição soviética a viam. Nem mesmo os trotskistas ou maoístas, eles também fiéis ao legado leninista e à forma partidária burocrática, especializada e profissional.

Tanto Guèrin quanto Nettl voltam-se para Rosa Luxemburgo do ponto de vista da teoria revolucionária, da ênfase na ação. O ano de 1968 é um momento de quebra com as preocupações da forma, com a estrutura do partido leninista, de busca por maior participação nestes locais que se mostravam pouco representativos de suas bases, como afirma Netl.

O movimento editorial também é um bom meio de avaliarmos esse interesse pela obra de Rosa à época de 1968, mas também em outros momentos. Assim, é possível identificar um índice de interesse dos leitores, militantes e coletivos, não só pelo pensamento luxemburguista, mas também por novas formas de organização e luta revolucionária.

Não é por acaso que na França, epicentro da Revolução Mundial de 1968, por vinte anos (décênios de 60 e 70) manteve-se alta a busca por livros de Rosa Luxemburgo. Com o período neoliberal e a contrarrevolução dos anos 1980, quando a vitória da esquerda social democrata arrefeceu os movimentos sociais e isolou as vanguardas radicais, baixou muito a oferta de novos títulos. Mas depois de Chiapas, Seattle, do Fórum Social Mundial, das mudanças políticas na América Latina e de vários protestos europeus que já prenunciavam os Indignados e os ocupantes de praças, fábricas e universidades, Rosa Luxemburgo voltou a circular entre os franceses.



No Brasil, em 1968, Paulo de Castro publicou a antologia intitulada *Socialismo e liberdade*, que, pela primeira vez, mostra ao leitor brasileiro os textos de Rosa Luxemburgo em sua polêmica com Lênin, a respeito das características e da essência do partido proletário. Castro foi um militante português radicado no Brasil e que havia tomado contato com a obra de Rosa em cursos na França nos anos trinta. *Acumulação do capital*, já teve duas edições brasileiras,

uma da Zahar, em 1971, e outra, já na década de 80, pela Abril Cultural, na coleção Os Economistas. *Introdução à economia política* foi editada pela Martins Fontes e, finalmente, o clássico panfleto *Greve de massas, partido e sindicatos*, pela Kairós, de São Paulo.

Depois, vieram a lume novas publicações brasileiras de obras de Rosa Luxemburgo. *Camarada e amante* é uma antologia de cartas entre Rosa e Leo Jogiches, publicada pela Editora Paz e Terra, do Rio de Janeiro em 1986. O jornalista Pilla Vares publicou *Rosa, a Vermelha* em 1987. No prefácio (aqui também consultado para o nosso levantamento), ele traça um itinerário breve das obras luxemburguistas no Brasil e cita a influência deste pensamento na POLOP (*Política Operária*). Em 1988 foi publicada uma coletânea de artigos de um antigo militante da POLOP, Erich Sachs (*Qual a herança da Revolução Russa? E outros textos*, São Paulo: Segrac). Recentemente saiu uma coletânea de três volumes de Textos Escolhidos, publicada pela Editora Unesp e organizado por Isabel Loureiro (ela é autora de um livro acadêmico intitulado *Rosa Luxemburgo: Dilemas da Ação Revolucionária*).

A observação do movimento editorial nos dá pistas dos momentos históricos, daquilo que estava em pauta, do lado para o qual pendia a balança em determinada época e da sociedade de um modo geral. No Brasil, por exemplo, a ênfase luxemburguista parece voltar recentemente com edições de textos e cartas de Rosa, abrindo uma perspectiva diferente para os movimentos sociais. Talvez, como em 1968, a retomada da obra de Luxemburgo hoje seja uma necessidade, já que a forma leninista também aqui se mostra incapaz de corresponder às demandas daqueles que estão em movimento.

Numa velha controvérsia contra Arnold Ruge, Karl Marx defendeu a autonomia do movimento operário e fez uma crítica fundamental do fetichismo do partido. (Cf. M. Rubel, *Marx critique du marxisme*). Hoje, em que despontam movimentos autônomos e onipresentes, talvez Rosa Luxemburgo seja novamente chamada a falar. Afinal, a Revolução não pode ser preparada e, uma vez eclodida, não deve ser apropriada por um partido e nem gerar um Estado de gerentes e especialistas. A República dos Conselhos não precisa deles. Só das próprias massas. Elas ainda não sabem exercer o poder. Mas como disse Rosa: só aprenderão, exercendo-o.